

# ***VENTOS SOSSEGADOS***

Livro 51

*Escritos Fenícios*

Roberto Curi Hallal

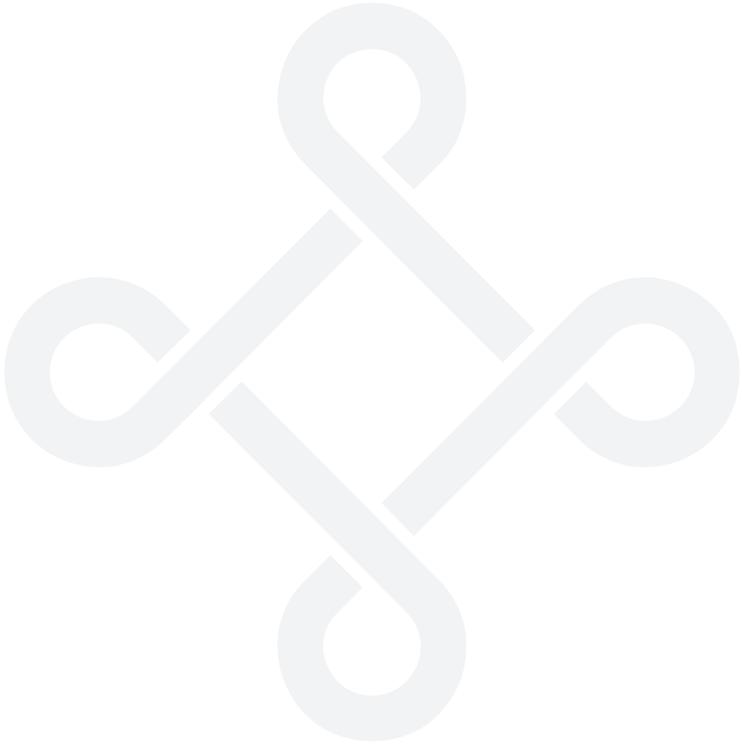


© 2018 Roberto Curi Hallal

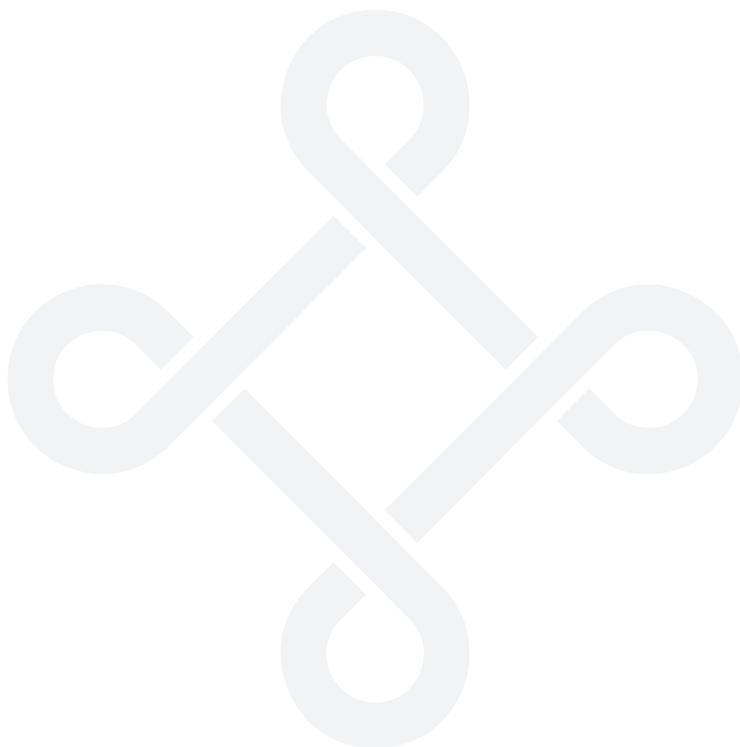
Produção Editorial  
*Gilberto Strunck*

Capa  
*Dia Comunicação*

Produção gráfica  
*Dia Comunicação*



Roberto Curi Hallal



## ***VENTOS SOSSEGADOS***

Vi a luz que se segue ao raio, o mar sereno que segue a calmaria, vi os mares largos e os ventos sossegados, vi o mar incerto e o revoltado enfrentando remos e remadores fustigando medos novos, vi a noite dando descanso as saudades reiteradas naquela vastidão aquática.



## ***NENHUM DE NÓS***

Embora nenhum de nós tenha dito uma só palavra, quantas palavras seriam suficientes para dizer tanto quanto o silêncio que tudo diz por nós, os descendentes.

## ***RUMOS***

Desviei-me daqueles rumos, descaracterizei minhas saudades. Desfiz um caminho, finjo que ele não mais existe para amenizar minha vontade de voltar, coisa impossível, já não está mais lá o que deixei. É perigosa uma ilusão sem limites, desembarca a minha invenção toda vez que, brincando com o tempo, viajo, desviando-me dos anos e aterrizando lá na quadra onde jogávamos futebol ou no café onde ficávamos olhando a noite chegar.



## ***UMA SÓ PALAVRA***

Embora nenhum de nós tenha dito uma só palavra, quantas palavras seriam suficientes para dizer tanto quanto o silêncio que tudo diz por nós, os descendentes.

## ***LABIRINTO***

Nesse labirinto meus medos se escondem atrás das minhas costas, dos meus cotovelos, nos meus calcanhares, fazendo-me doer por inteiro quando sinto saudades de Wadi Chahine, suas casas gemeladas a gritar presenças, a fincar na terra cedros de pedras. Em que consiste meu sentir pela cultura da raiz?



## ***DOMINANTES E ACESSÓRIAS***

Distribuídas as lembranças em dominantes e acessórias, se renovam em intercâmbios de obséquios, revividas em um estranho perpétuo. Protegem-se tornando mínimos os perigos naturais do esquecimento.

## ***VOLTA E MEIA***

Volta e meia experimento um novo modo de sentir saudades. Foi a única solução para não ficar estancado no passado, chamo a passear alguma versão. Esgotome nestas versões incompletas.



## ***NÃO FRONTEIRAS***

Os mares tem nas marés a alma sem amarras, na direção reativa sentidos singulares, se move permanente, desafia limites e soberanias.

## ***DOCE HISTÓRIA***

A memória da doce história dá vida às saudades, ficaram como súplicas repetidas, como cantigas de ressuscitar causando transtornos no esquecimento. Surpreendem com sua presença porque deixam os traços impregnados de sentidos, imprimindo o respeito, marcando a festa, incandescendo as curiosidades, povoando-as de imaginação, hidratando o trigo e amaciando a carne.



## ***AS LÁGRIMAS PERDIDAS***

Nunca mais voltarão as lágrimas perdidas. Não há como avaliar o que seus olhos ganharam, os vi pendurados na alegria que lhe trouxe cada novo filho ou neto. A rota fenícia a ser cumprida resistiu às dores, as penas, aos vícios e aos cansaços. Embora não se perceba, nenhuma vida, nenhum amor é substituído facilmente, seja por suas características singulares,

seja pelo acúmulo de história que cada forma de amar que cada um carrega. Os desejos guardam em seu interior imagens agrupadas misturando pessoas, datas, a terra deixada, as sensações transformando palavras em gestos e cantos em lugares de guardar nostalgias. Cada um levou consigo a certeza de que deixaram suas pegadas como relíquias, adornando memórias.



### ***PORQUE ERAM LIVRES***

Porque eram livres, criaram; porque eram reconhecidos, agradeceram; porque eram sábios, acumularam - como as pedras; porque eram pacientes, esperaram; porque eram prudentes, selecionaram. Em respeito às suas memórias, guardamos suas histórias.

## *MEMÓRIA VIAJANTE*

Ainda converso com uma memória desordenada e desobediente, lembro-me que os frequentadores da minha infância aportavam no cais da minha casa, depositavam seus remos e suas nostalgias cansadas de doer carregavam vários desertos, vertiginosos vazios. Vejo a herança alimentada à flor da pele, circulando como degelo da montanha confirmando as origens libanesas. Comparecem com apetite, como podem, no corte do pão, no trigo, no espelho gasto pelo tempo a confirmar nossa filiação, no filho, no neto, nas fotografias, nas crenças, na memória viajante.



## *A MARCA DA RAIZ*

A marca da raiz, em uma solene honra às leis do amor, faz com que a amizade caia na graça recebida de braços abertos, no pleno e cordial afeto, semeando a essência da cortesia e da afabilidade. Essas práticas do bem-

querer perpetuam a comemoração à vida. Elas são a toalha da mesa onde o libanês deposita sua arte com tantos significados.



## ***PLURAL***

Dotados de um plural, a nacionalidade dos descendentes está distribuída no mundo. Entraram na vida com o detalhe, a caixa de mercadorias, a sombra, a figura, o fundo, a força do amor perenizado pelos ancestrais, pelo comando da vontade de perdurar, por alcançar germinar a carne do quibe e o trigo do pão, pela absorção da calma que alimenta o corpo e deixa marcas nostálgicas na alma antes de partir.

***DIAS DE MEL – (ANNA CIEZADLO)***

“Toda sociedade tem um sistema imunológico, um exército silencioso que tenta trazer o corpo político de volta ao equilíbrio. As pessoas encontram maneiras de reconstruir suas rotinas em meio à confusão da guerra. Como minha amiga Llena, que uma vez deu um jantar em seu abrigo antiaéreo em Beirute, as pessoas fazem dar certo com o que têm. Esta é a história daquela outra guerra, a que acontece entre os bombardeios: o padeiro mantém seu forno comunitário funcionando para que a vizinha tenha pão; o proprietário transforma seu café em um centro de refugiados; o agricultor alimenta os vizinhos com seu estoque de comida em conserva; os pais dirigem por toda a Bagdá tentando encontrar uma confeitaria aberta para que a filha possa ter um bolo de aniversário. São todos tão guerreiros quanto aqueles que carregam armas. Existem muitas maneiras de salvar uma civilização. Uma das mais simples é com comida.”

## ***FRONTEIRAS I***

Exercendo o aprendizado dos antepassados fenícios, os mascates vendiam a crédito, suas passagens cíclicas permitiam atualizar pagamentos e oferecer novas mercadorias que supriam os habitantes pequenos lugarejos de novidades jamais vistas, tecidos, roupas, miudezas, alimentos, raramente fotografias e medicamentos, lápis, cadernos, linha e agulhas. Sua natureza era comerciar, conhecer e dar-se a conhecer, alguns ficavam sentando seu futuro, outros, cada lugar os empurrava a outra margem saltando fronteiras.



## ***FRONTEIRAS II***

O exílio endurece os humanos. Os exilados tiveram que pensar com as mãos fortalecidas como cedros e os pés fincados como terra. Encontrar uma forma de definir fronteiras entre aquilo que lhes foi familiar e o que se apresenta como estranho.

## ***MEUS ANCESTRAIS***

Meus ancestrais biológicos sempre foram botânicos guardiões de vários continentes, colecionadores, proprietários de um arquivo de objetos, sabedorias, sementes que levadas nas mãos de homens feito pássaros transportadores da vida comunitária histórias pouco ditas.



## ***GENEROSIDADE***

Uma generosidade cuidadora reinventava alimentos para o doador e o receptor. O que levava e trazia legado intacto que se proliferou nos usos e costumes, suporte colossal, embora os meios limitados. Um ou outro fracasso tirava temporariamente lembranças dispondo-as nos olhares comunitários, na figueira, na parreira, no mapa da partida, no transplante de uma terra à outra terra, um personagem que não podia ficar ignorado, palpável como um cedro despedaçado. Um mau

presságio entre a invasão turca, a diáspora palestina, a usurpação dos territórios, a invasão do Líbano rechaçada fortemente pela união de muçulmanos e cristãos. A corrupção uma grave doença que sempre avançou a par das honestas esperanças, famílias dilaceradas, mortes inocentes, enquanto falsas linhas traçavam fronteiras perversamente calculadas. A morte definiu a união da usurpação com o ódio. Líbano era um dos poucos países árabes sobreviventes à demolição da cultura milenar presente no Iraque, na Síria, no Iêmen, na Ásia Central, na Líbia.



### ***MEUS AVÓS MATERNOS***

Uma foto em branco e preto reunia a presença de uma constância circulando nas várias vidas de 16 filhos da minha avó Julieta Modafar Al-Alam e Aziz Nacle Al-Alam, humanos posando juntos sem a dimensão temporal, objeto digno de uma história que apenas começava ali. Os descendentes que sucederam àquela

fotografia deixaram uma paisagem em si mesmos, falavam que naquele lugar habitaram vestígios materiais reproduzindo a terra deixada na terra escolhida. Algo estremecia a moldura que lhes guardava como parte dos meus acompanhantes diários. Era a ponte entre os espaços e os tempos habitados por eles e por mim. Aquela casa habitada com frequência muito antes que eu pudesse saber que aquelas presenças me habitariam 70 anos depois com um vigor jovem parecendo dizer-me boa noite, volte sempre. Tudo permanece recém habitado, o conjunto de palhinha, a mesa oitavada e um modesto cristal que assistiu noivados, namoros e visitas esperadas e inesperadas.

Através das persianas tentava ver o quarto de um ou de outro, tantos quartos quanto o espaço para abrigar 16 filhos e um casal que testemunhava a obra.

Os dados materiais me confirmavam tratar-se de uma realidade em primeira mão, passando por revisões, luzindo a intimidade entre meus afetos e os objetos.

## *SECULARES*

Todos os tempos se transmutam em ligeiras vivências como chuva sobre recordações seculares. Aventuro-me minar lentamente o esquecido até que, pouco a pouco, todas as saudades se espalhem como pedaços meus pelo curso do que me resta viver.



## *VIAJANTE*

Um componente viajante estava impregnado em todas as imagens. Em lugar de vir de navio, chegavam num desenho, numa música, na sensibilidade especial a serviço das lembranças. Sem muita ajuda faziam pequenas gestos transplantando-os em pequenas inserções transmitidas como sementes aos seus descendentes.

## ***QUEM BENZEU***

Quem benzeu o mar bendito acreditava que ele traçaria em suas ondas no caminho de regresso ao Líbano um caminho que alguns nunca puderam fazer porque seus dias se ocuparam em carregar todos os dias outras sobrevivências.



## ***OBJETOS DA FAMÍLIA***

Dilato a existência cercando-me de objetos da família, eles estão carregados de afetos, deslizam nos ponteiros do relógio do meu avô, na mesa que foi do escritório da loja dos meus pais, nos fundos falavam como documentos que narram pedaços de um mostruário que poderia estar no papel ou na peça de tecido aberta sobre o balcão, ainda habitando meus sonhos investigando o fundo das minhas lembranças e do livro do contador. Um carregador de pólvora preparado semanalmente para a caça de perdizes, cruzava com uma placa de

preparação microscópica e um rádio capelinha na sala. Sementes de tomilho habitaram o mesmo canteiro da hortelã esperando o trigo moído vindo de jardins de todo o mundo numa viagem exótica plantado ali para crescer em longínquas terras.



## ***NOVAS ALEGRIAS***

Longe de requisitar uma disciplina sentimental, faziam o que podiam, rivalizavam entre o vazio e a adaptação. A vida na nova pátria reservando-lhes surpresas ao verem-se enriquecidos com novas alegrias, viveram de montagens provisórias até que a vida dignificou suas presenças. Buscaram se afastar do consolo primitivo sem adaptar-se. Seria uma ofensa, povoados das injustiças de litígios na terra do Levante. A luta, para ser bem sucedida incentivava como explorador, fazendo da linguagem um malabarismo a transpor, usando algo menos complicado como o ato. Desistindo das concessões aprenderam o idioma local, sorriram

quando recebidos e agradeceram quando acolhidos. Fincaram raízes, escavaram na terra fértil seus vestígios culturais e genéticos. Enterraram um mapa, uma dor sem retorno, um cedro do lado esquerdo do peito e, uma família dando ânimos à utopia.



### ***TANTO QUERER***

Almejo não sucumbir na teimosia que me mantém escondido, almejo sair do exílio, do abandono que convida a viver sem pensar. Almejo o valor do perdão, verter prudência nos meus riscos e risos, almejo que me seja dado o poder da reversão, da reparação, da substituição.

Almejo sonhar um sonho qualquer, decifrar o olhar por detrás do véu.

Almejo aprofundar a confiança, calar o engano, abreviar as dores, reconhecer as pausas, promover ocasiões para o amor chegar e ficar. Almejo acalmar os tormentos acumulados. Recuar nos gestos, no desprezo. Escutar

as queixas, aplacar os escândalos, explorar a alegria até descobrir seus segredos mais íntimos.



## ***CRIANÇAS E JOVENS***

Crianças e jovens crescem num mundo pleno de ficções, acrobacias, mentiras oferecidas ao coração ingênuo. Como serpentes, especialistas em “educação” vendem a falsificação que imprime um destino para todas as instituições, fazendo-as desacreditadas, promovendo o caos que arrasa toda a história adquirida pela espécie humana. Detonando os referencias de constância o caos triunfa.

## *COMPLACÊNCIA*

Precisamos diminuir a complacência das famílias diante da voracidade dos Estados hipertrofiados em substituir o núcleo primário da construção das identidades. Incluindo na educação dos filhos, entregues a desconhecidos que plantam o ódio entre pais e filhos.

Ouçõ aplausos que saem das varandas, cantos que saem de um lugar que as cortinas me impedem de identificar, leio poesias que saem dos livros. Penso que há que festejar os vazios dando tréguas. Festas artificiais povoam calçadas, mesas abrigam garrafas esvaziadas, tristes em silêncio esperando colheita. Assisto canibais querendo devorar vivo todo aquele que combata a corrupção, que desestabilize a organização dos que se acostumaram a encastelar-se apadrinhados. Cuidem seus filhos o lobo anda solto.

## ***SEMPRE CUIDAR***

Sempre será válido reiterar que todo cuidado é pouco em se tratando de cuidar.



## ***UNIDADES***

Embora considerados unidades superadas, os objetos acumulam significativas conexões, contam cada história destacando a singularidade espacial e temporal do momento único. Convocam memórias como quem convoca para velórios e aniversários. Moldam cheiros, atrofiam ruídos, abotoam os olhos, sentam nas mesas, paredes, molduras, gavetas. Comparecem como em um baile de máscaras, como sombras que funcionam como testemunhas daquilo que nos aconteceu.

## *MANUAL*

Será educativo conhecer aquelas engrenagens que esvaziam toda autonomia manual redistribuindo praticamente a vida cotidiana. Habitados aos automatismos perderam a capacidade de pensar. As satisfações com a criatividade ficaram reduzidas a desfazer a motivação. Infindáveis cópias desviam a atenção para admirar a capacidade de tecnificar as relações.

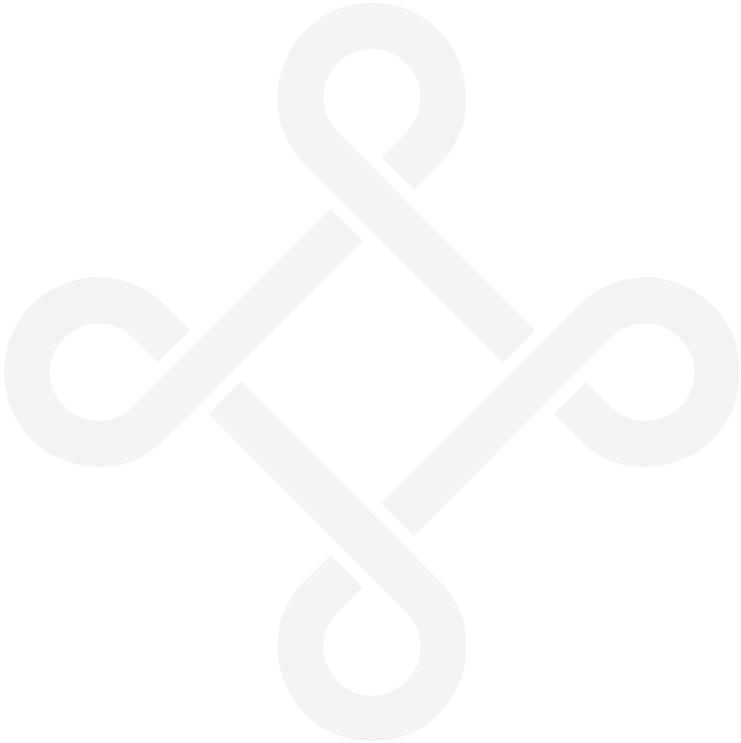


## *A DUNA*

A duna preestabelecida doa sua forma àquela que o vento eleja. O passo apagado deixa marcas encobertas até que o próximo itinerante não se baseie nas evidências únicas. As estrelas, os ventos, a experiência escorrem pelo caminho primitivas percepções habitando o lugar por onde as caravanas que ali passam pensando em voltar.

## ***PRESENÇA***

Ao mesmo tempo em que gozo a presença não morro de tristeza. Calo meu sofrer para que as sombras não transformem meus dias de mortal sobrevivência em cinzas. As marcas, tornadas lágrimas, apagam e secam, ainda que inacabáveis. São silenciosas como os pianos não tocados, acumulam refúgios e opacificados meus esplendores porque não admitem intromissões nem apartes que lhes diluam a homenagem. Nego-me a dar um adeus definitivo e, por isso meus ancestrais retornam como fantasmas, povoando minhas fantasias e sonhos, ainda que venham também para marcar suas ausências. Menos que me serenar, refazem em mim o desejo de vê-los para diminuir meu penar, que não deseja descansar.



Roberto Curi Hallal

